

# A ARTE DA BIBLIOFILIA E A MEMÓRIA HUMANA

Claudia Fernanda de Campos MAURO\*

ECO, U. **A memória vegetal**. Tradução de Joana Angélica D'Ávila. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Entre as muitas atividades exercidas pelo poliédrico Umberto Eco, indiscutivelmente um dos maiores intelectuais do momento, está a de bibliófilo. O amor pelo livro do ilustre semiólogo, escritor e filósofo piemontês já propiciou ao leitor duas instigantes obras: o romance *A misteriosa chama da rainha Loana*, publicado no Brasil em 2004, e *Não contem com o fim do livro*, escrito conjuntamente com Jean Claude Carrière, publicado neste anos. Em *Memória vegetal*, publicado na Itália em 2006 com o título de *La Memoria Vegetale e altri scritti di bibliofilia*, como em tantas outras recentes publicações de Eco, há conferências do autor pelo mundo afora, além de outros ensaios inéditos. Para início de discussão, pode-se afirmar que o conteúdo polêmico de muitas considerações feitas por Eco neste volume dificilmente deixará o leitor indiferente. Os que apostam na substituição do livro impresso pelo e-book ou qualquer outra forma de mídia, poderão considerar exageradas as muitas declarações de amor ao volume impresso aqui feitas. Os leitores que sistematicamente desconfiam da mídia eletrônica poderão igualmente decepcionar-se com o capítulo em que se imagina o monólogo de um e-book.

Desde o primeiro capítulo – Sobre a bibliofilia – procura-se ressaltar o caráter sagrado do livro. Eco lembra que muitas vezes o livro foi submetido a metódica destruição. Citando o exemplo do período nazista, o autor adverte para o perigo de se tentar a sistemática eliminação do patrimônio livresco, pois isto poderia equivaler ao cancelamento da memória coletiva que se encerra em um livro e graças a qual nos reconhecemos como seres humanos. Segundo o ilustre semiólogo, não foi apenas no período nazista que se procedeu à tentativa de anulação da “cultura degenerada” representada pelos livros, mas também nas inúmeras vezes em que não se permitiu que o cidadão comum, por incúria governamental ou por excessos burocráticos, tivesse livre acesso á bibliotecas públicas. Como é de seu estilo, particulares curiosos e involuntariamente cômicos vêm à tona, como, por exemplo, à página 25, na qual adverte-se o leitor para o fato de que o mesmo gás tristemente utilizado pelos nazistas para a eliminação dos judeus nos campos de concentração

---

\* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Departamento de Letras Modernas – Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – claudiamauro@fclar.unesp.br

ainda hoje é comercializado com o intuito de eliminar as brocas e cupins que “devoram” os livros. Curioso notar que a tecnologia desenvolvida pela máquina de destruição nazista, inimiga do patrimônio livresco, pode agora ser utilizada para a conservação de uma biblioteca. Eco avisa, porém, que prefere outros meios, que não remetam a trágicos eventos, para se ver livre dos nefastos insetos, entre os quais o bizarro uso de despertadores antigos que, com incômodo barulho, não permitiriam o aparecimento noturno das brocas.

Da inicial declaração de amor ao livro, Umberto Eco prossegue em direção à livre vazão da sua verve ficcional, ansiosamente aguardada pelo leitor. No capítulo “Colações de um colecionador”, a leitura de catálogos de livreiros permite-lhe imaginar ou reportar fielmente situações vivenciadas no passado, todas elas ligadas ao universo misterioso das aquisições de livros raros. E assim, como se estivesse em uma espécie de bolsa de valores, o leitor é conduzido pelos meandros de sebos especialíssimos, nos quais improváveis e raros volumes como o alemão *Offenbarung göttlicher Mayestat*, de 1619, pode até ser adquirido por “miseráveis duzentos marcos” (ECO, 2010, p.59).

Os capítulos seguintes desenvolvem ensaios sobre específicas obras raras encontradas pelo autor. No mais interessante deles – “Por que Kircher?” – ele discorre sobre o saber enciclopédico de Athanasius Kircher, que escreveu diversas obras de cunho científico no século XVII. O caráter visionário dos livros de Kircher, juntamente com o caráter de transição entre a enciclopédia antiga e a enciclopédia iluminista que ele tão bem representou, fascinam nosso autor, que chega a afirmar por quase dez páginas que Kircher era o cientista sonhador, voraz leitor e incansável escritor, sempre disposto a “arriscar” teorias, por mais absurdas que possam nos parecer atualmente. Percebe-se a imediata empatia do ficcionista enciclopédico e erudito com o visionário do passado, e percebemos, nós leitores, as fontes em que Eco bebeu para escrever romances mundialmente famosos como *O nome da rosa* ou *O pêndulo de Foucault*. O conhecimento global, ainda que apenas parcialmente comprovado, de Kircher o fascina tanto quanto a cultura medieval que, indiscutivelmente, sempre marcou os escritos de Eco.

De Kircher a Borges: outro grande autor diversas vezes reverenciado por Eco. Logo nas primeiras páginas, ele se refere ao famoso conto borgiano “Funes, memorioso”, no qual o protagonista recorda tudo continuamente e não consegue filtrar nenhuma lembrança, terminando por não reconhecer mais nada. Borges, porém, permanece em quase todas as seções deste livro à medida que, borgianamente, Eco “testa” os conhecimentos do leitor, submetendo-o ao questionamento sobre a existência ou não de autores e livros, polêmica que já envolveu no passado ilustres intelectuais e literatos. Assim, ao mesmo tempo que se discute no capítulo “Shakespeare era por acaso Shakespeare?” as várias hipóteses sobre a identidade do bardo inglês, expõe-se ao leitor suposto catálogo do livreiro Ricardo Montenegro

do qual constam seríssimas (e improváveis) obras sobre nigromancia, bizarros tratados sobre a flatulência ou “úteis” manuais sobre os “hooligans”.

Como já ocorrera no *Segundo diário Mínimo* ou em *A passo de caranguejo*, Umberto Eco exercita-se também em mini-contos de ficção científica, sempre envolvendo o suposto futuro desaparecimento do livro. Além do já citado monólogo em que um e-book questiona-se sobre a sua real importância e estabelece comparações com o livro impresso, há os capítulos “A peste do trapo”, no qual o autor imagina a destruição do livro impresso provocada por uma misteriosa bactéria por volta de 2080, e o engraçadíssimo “Antes da extinção”, em que um resenhista da “Universidade de Aldebarã” comenta o livro do “antropólogo espacial” marciano Taowr Shz sobre a destruição da Terra. Talvez, porém, o exercício de ficção científica mais surpreendente de *Memória vegetal* seja o último capítulo – “O problema do limiar. Ensaio de para-anthropologia” – no qual, assim como já fizera Italo Calvino nas *Cosmicomiche* e em *Ti com zero*, o autor prefere conjecturar sobre o período anterior à existência do *homo sapiens*. Desse modo, a partir de supostas “tabuinhas” encontradas na “Gruta Sagantina”, Eco imagina a vida dos “mastienos”, habitantes da região de Mastienia, que viviam em relativa harmonia, ignorando qualquer forma de abstração e limitando-se às atividades essenciais à sobrevivência. No entanto, a necessária divisão do trabalho de “repartição” dos corpos mortos dos mastienos que eram devorados pelos outros levou-os ao desenvolvimento de “conceitos”e, fatalmente, à completa extinção. Ironicamente, o autor conclui que, com a extinção dos mastienos, a filosofia deixou de ser praticada e foi por nós substituída pela economia, o que nos tornaria imunes a um desenvolvimento da lógica semelhante àquela que levou esse antigo povo ao desaparecimento.

Assim, com este divertido mini-conto, Eco adverte o leitor para o perigo de se transformar a crença na razão humana em uma fé cega, como já fizera nas páginas finais de *O nome da rosa*, e ao mesmo tempo reforça a sua fé no conhecimento propiciado pelo livro enquanto depositário da memória humana. Com a *Memória vegetal*, portanto, como já ocorrera em suas obras anteriores, o autor declara-se adepto do “iluminismo dotado de bom senso”, transformando em densos e por vezes cômicos ensaios a temática da recuperação da memória humana por meio da paixão pelos livros, já presente no citado romance *A misteriosa chama da rainha Loana*.



